



## REINO UNIDO

# Um premiê em desgraça

Em pouco mais de 24 horas, Boris Johnson enfrenta a renúncia de 44 ministros e assessores e vê conservadores pedirem sua saída. Chefe de governo demite aliado importante e se recusa a deixar cargo. Especialistas avaliam situação como insustentável

» RODRIGO CRAVEIRO

Justin Tallis/AFP



Boris Johnson deixa 10 Downing Street, no centro de Londres, para a sabatina semanal no Parlamento: debandada no governo

### Pontos de vista

### Os motivos da revolta conservadora

#### "Partygate"

Durante o lockdown, ocorreram festas de Natal e celebrações no jardim de Downing Street — sede do governo e residência do premiê. O escândalo foi batizado como "Partygate". A Scotland Yard investigou e emitiu 126 multas, entre elas a Boris Johnson, o primeiro líder em exercício sancionado por infringir a Lei.

#### Conflito de interesse

As lucrativas atividades de lobby de alguns deputados conservadores provocaram indignação. O deputado Owen Paterson foi acusado de fazer lobby junto ao governo em nome de duas empresas que o pagaram. Johnson tentou mudar as regras para evitar que ele fosse suspenso do Parlamento.

#### Reforma luxuosa

O primeiro-ministro afirmou que pagou de seu bolso a luxuosa reforma do apartamento oficial em que mora com a família em Downing Street. No entanto, recebeu uma doação, que posteriormente teve que devolver, de um rico simpatizante do Partido Conservador.

#### Gestão da pandemia

No início da pandemia, Johnson foi criticado por sua gestão equivocada, acusado de não agir rápido e suficiente e não proteger os profissionais da saúde e os pacientes de lares de idosos. Grande parte dos deputados conservadores se rebelou, votando contra um passaporte sanitário para acessar grandes eventos.

#### O escândalo Pincher

Boris Johnson admitiu que cometeu um "erro" ao nomear, em fevereiro, Chris Pincher como vice-líder do grupo parlamentar conservador, encarregado da disciplina dos deputados. Pincher renunciou, depois de ser acusado de abusar de dois homens. Downing Street reconheceu que o premiê havia sido informado de alegações anteriores contra Pincher em 2019, dizendo que se "esqueceu".

Há 1.079 dias no poder, Boris Johnson enfrenta a pior fase de seu governo: uma revolta sem precedentes dos aliados, em meio a uma crise moral, ética e política. Até o fechamento desta edição, 15 ministros e 29 assessores tinham renunciado desde terça-feira. Uma delegação de ministros experientes, como Priti Patel (Interior) e Grant Shapps (Transporte), se reuniu com o premiê e tentou convencê-lo a abandonar o cargo. Johnson manteve-se irredutível e prometeu continuar no comando do Reino Unido. De acordo com fontes de Downing Street, sede do governo, o líder conservador afirmou que se concentrará "nos assuntos de grande importância que o país enfrenta". Em 6 de junho passado, ele havia sobrevivido a um voto de confiança do Parlamento.

No fim da noite de ontem, Johnson sofreu três novos golpes. Michael Gove, ministro da Habitação e um de seus principais conselheiros, foi destituído do posto depois de pedir a saída do premiê. A procuradora-geral, Suella Braverman, admitiu que "chegou a hora de o primeiro-ministro partir". O ministro da Saúde, Ed Argar, abandonou o cargo. Foi o 15º ministro a se demitir — o maior número em 90 anos. O líder da oposição trabalhista, Keir Starmer, acusou o premiê de apresentar um "espetáculo patético no último ato de sua carreira política".

O novo inferno astral de Johnson começou na noite de terça-feira, quando os ministros Sajid Javid (Saúde) e Rishi Sunak (Finanças) se demitiram. A gota d'água foi a nomeação do conservador Chris Pincher para um cargo parlamentar importante. Pincher renunciou, na semana passada, depois de confessar que apalpou dois homens, entre eles um deputado, em um clube privado do centro de Londres. Downing Street informou que Johnson tomou conhecimento de acusações anteriores contra Pincher em 2019, mas que tinha se "esquecido" delas.

Especialistas consultados pelo **Correio** praticamente deram por encerrado o governo de Johnson. "As possibilidades de ele permanecer no poder são perto de zero.

Por Andrew Blick

### Única esperança

Fotos: Arquivo pessoal



"Se o premiê Boris Johnson pedisse à rainha Elizabeth II a convocação de eleições gerais antecipadas, isso seria amplamente interpretado como abuso constitucional. Causaria danos eleitorais ao Partido Conservador e, quase certamente, colocaria fim à carreira de Johnson, além de danificar ainda mais sua reputação. Como ele não convocará eleições, parece que sua única esperança é a de que o partido, por algum motivo, não o remova antes do recesso de verão e que algo aconteça que o tire das atuais dificuldades."

Diretor do Departamento de Economia Política do King's College London.

Está claro que quase todos os integrantes de sua bancada parlamentar decidiram que é o momento de Johnson renunciar. Creio que sua partida seja mais uma questão de horas ou dias do que de semanas", afirmou Andrew Blick, diretor do Departamento de Economia Política do King's College London. "A questão é que o Partido Conservador se opõe, de forma esmagadora, à sua continuidade como primeiro-ministro; as renúncias

Por Anthony Glees

### Risco de aniquilação



"Se o Partido Conservador não se livrar rapidamente de Boris Johnson, enfrentará o próprio aniquilamento a partir de suas estruturas internas. Em sua maioria, os cidadãos britânicos são decentes e não se deixarão serem enganados. O primeiro-ministro poderá tentar envolver a rainha Elizabeth II e, na teoria, dissolver o Parlamento, a fim de convocar eleições gerais antecipadas. Mas, não acho que isso acontecerá, pois ele não tem mais maioria parlamentar. Não descarto um racha dentro do Partido Conservador."

Professor emérito da Universidade de Buckingham (Reino Unido)

ministeriais são uma manifestação dessa tendência."

"Boris Johnson está acabado. Talvez sua saída ocorra hoje, talvez em poucos dias ou semanas", aposta Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham. O estudioso explicou que Johnson perdeu a confiança do seu partido e do país. "As 44 renúncias no governo indicam que ele está condenado. Quanto mais esperar, mais reforçará a visão de que suas mentiras foram

Por Nick Turnbull

### Sem sobrevivência



"Não há chance de Johnson sobreviver como primeiro-ministro. Ele pode se agarrar ao pretexto de que o Comitê de 1922 (do Parlamento) não iniciou uma moção de confiança e que não pode fazê-lo até junho de 2023. No entanto, os parlamentares podem mudar as regras, e manobras estão a caminho para obter os votos nesse sentido. O apoio de Johnson dentro do partido acabou. Sua coalizão eleitoral ruiu nas eleições, com assentos perdidos à esquerda para os trabalhistas e à direita para os liberais democratas."

Professor de política da Universidade de Manchester (Reino Unido)

um sintoma do fato de que ele perdeu contato com a realidade." De acordo com Glees, o primeiro-ministro carece de autoridade e não pode tomar decisões. "Sua longa litania de mentiras significa que ninguém mais crê em uma palavra do que ele diz. Não há meios de Johnson recuperar isso", admitiu. "Os próximos dias revelarão quem poderá assumir o poder."

Nick Turnbull — professor de política da Universidade de

Manchester — afirmou que a renúncia em massa das últimas horas é algo raramente visto na política britânica. "Ela indica que grande parte da bancada parlamentar não apenas perdeu a confiança no primeiro-ministro. Muitos parlamentares não querem estar associados a um governo conduzido por Johnson. A demissão de Gove é uma punição direta por deslealdade. O premiê está atacando e fazendo o que pode para manter a autoridade."

## ESTADOS UNIDOS

# Autor de massacre queria cometer segundo ataque

Robert E. Crimo III, 21 anos, estava a caminho de cometer outro atentado quando foi preso pela matança de sete pessoas durante a parada cívica de 4 de julho, em Highland Park, a 43km de Chicago. O rapaz confessou à polícia que fez os disparos e contou que fugiu de carro para Madison (Wisconsin), onde "viu mais celebrações" e "considerou seriamente usar a arma que tinha no veículo para realizar outro ataque", informou Christopher Covelli, da polícia de Highland Park.

Diferentemente do massacre em Illinois, planejado durante semanas, o segundo atentado seria improvisado. Depois de ser preso, na segunda-feira à noite, perto de Chicago, Crimo "forneceu uma declaração voluntária aos investigadores confessando seus atos", em videoconferência perante um juiz, relatou o promotor assistente Ben Dillon. Crimo foi formalmente acusado de sete homicídios em primeiro grau e teve negada a liberdade sob

Max Herman/AFP



Mãe e filho se abraçam diante de memorial às vítimas, em Highland Park

fiança. Durante a declaração ao magistrado, o atirador — com cabelo comprido e tatuagens no pescoço e rosto — se manteve apático o tempo todo.

Uma nova audiência ante outro juiz do Tribunal de Waukegan está agendada para daqui a exatamente três semanas. Se a Corte considerar Crimo culpado, ele será sentenciado à prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional.

Morador de Highland Park, Miles Zaremski, 73 anos, estava

na parada de 4 de julho. Ele contou ao **Correio** que não viu o atirador, mas testemunhou a carnificina. "Ouvi os tiros e vi pelo menos três mortos, em meio a poças de sangue. Um garoto parecia muito pálido, estava nos braços de seus pais, que gritavam por um médico. Sentí o estômago embrulhar ao ver pessoas sangrando, após serem atingidas pelas rajadas de uma arma de guerra que não pertence às ruas dos EUA ou do Brasil", desabafou. (RC)